



A evolução do conhecimento profissional do oficial subalterno na prática diária do BtlInfFuzNav

“Líderes não são natos, são forjados”

Col. Dandridge Malone/USA

Durante toda sua formação, o Oficial Fuzileiro Naval se depara com conceitos teóricos e preceitos morais que o formatam para cumprir as funções que lhe serão atribuídas nos primeiros anos de sua carreira. Aquele jovem Guarda-Marinha é então nomeado Segundo-Tenente e se apresenta em uma Unidade Operativa para, finalmente, colocar em prática tudo aquilo que a Marinha lhe ensinou. Ao olhar para o lado, já não encontra mais o “Turno C-Espc-GAnf” – referindo-se à sua turma do Curso de Especialização em Guerra Anfíbia. Juntamente com um ou dois companheiros de turma, irá integrar uma Companhia de Fuzileiros Navais (CiaFuzNav).

Como se comportar diante de seu Pelotão? Passou a noite ensaiando seu discurso de apresentação. Havia pesquisado com turmas mais antigas alguns temas polêmicos: rotina do quartel, “voga” do comando, trato com os subordinados. Ansiedade, receio e a certeza de que o desempenho de seu pelotão dependeria das suas atitudes.

Não demorou muito para que o tímido Tenente se sentisse à vontade com seu pelotão. Alguns mais jovens e outros mais experientes; uns do norte, outros do sul; alguns religiosos e idealistas, outros mais brincalhões. Todos Fuzileiros Navais como ele. E foi assim, sentindo-se mais um militar daquele pelotão, que o jovem Tenente percebeu sua mais nobre missão e, talvez, a razão de tudo aquilo que aprendera: o exercício da liderança.

O primeiro ano passou rápido. Rumores sondavam o quartel indicando que o Batalhão iria nuclear uma missão real. Um novo tipo de ansiedade envolvia o Tenente. Novamente, a vontade de colocar tudo que aprendera em prática. Desta vez, mais do que havia sido ensinado nos bancos escolares. O Batalhão de Infantaria havia transformado aquele jovem Tenente em um Comandante de Pelotão. Sentia-se seguro, pronto para levar sua tropa para o combate, para uma missão de paz ou o que lhe fosse determinado.

O tempo foi passando. Cada dia um aprendizado diferente. Manobras e exercícios, adestramento no Batalhão, serviço à bordo. Nunca imaginara receber tanta responsabilidade para tratar de problemas dos outros, ainda mais, tendo tão pouca idade. Mas como falar do amadurecimento do jovem Tenente, sem falar da figura do Capitão-Tenente? Aquele militar que normalmente falava com a Companhia

apenas duas vezes por dia, mas seu discurso era envolvido por um silêncio ensurdecedor. Em que escola teria sido formado aquele oficial? Será que quando chegasse sua vez de Comandar a Companhia, teria a mesma desenvoltura? Teria o mesmo senso de justiça em suas audiências? E no terreno? Como conseguiria falar com tanta simplicidade sobre manobras tão complicadas?

O Comandante da Companhia é o responsável pelo adestramento, eficiência em combate, controle, disciplina e administração de sua Subunidade. Deve possuir caráter e capacidade profissional que lhe permitam imprimir energia à sua ação de comando e desenvolver alto grau de iniciativa e liderança, formando na sua CiaFuzNav um espírito de corpo que assegure eficiência em suas atividades.

Como explicar ao jovem Tenente que, como ele, aquele Capitão-Tenente chegara pelo menos seis anos antes com a mesma insegurança? O Tenente veria alguns anos mais tarde que aquele Capitão-Tenente havia sido formado no Batalhão de Infantaria. É certo que o Curso de Aperfeiçoamento havia consolidado conceitos doutrinários que permitiram uma boa compreensão de como o escalão superior desenvolvia e planejava suas atividades. Mas a grande escola do Comandante de Companhia havia sido o próprio Batalhão.

O conhecimento profissional e o capital intelectual

A formação do Segundo-Tenente o qualifica a exercer funções de Comandante de Pelotão. O C-Espc-GAnf, eminentemente prático, desenvolve no Oficial o “traquejo” necessário para colocar-se à frente da tropa. Ao mesmo tempo, oferece ferramentas para que os oficiais designados para servir em unidades fora da Infantaria, rapidamente, estejam aptos a exercer suas funções. Esse conhecimento profissional é algo inerente a cada militar e varia de acordo com suas qualidades e limitações. De qualquer forma, ano a ano, as unidades operativas são renovadas com a chegada dos Tenentes recém-promovidos, que reforçam os batalhões, sobretudo, com a energia e a iniciativa promovida pelo C-Espc-GAnf.

O Conhecimento Profissional pertence ao militar, todavia, os Batalhões, grandes escolas dos Comandantes de Companhia, possuem o Capital Intelectual, que deve permanecer na Unidade mesmo com as renovações que o

fluxo de carreira impõe. Um dos maiores problemas dos Batalhões, atualmente, é que esse Capital Intelectual está se perdendo. Pouquíssimos Tenentes conseguem se manter na mesma unidade durante os cinco anos de Oficial Subalterno. Raramente, um Capitão-Tenente permanece no Batalhão por mais de três anos. Quem será, então, a referência daquele Segundo-Tenente recém-apresentado? Como ter um Comandante de Companhia cursado na grande escola do Comandante de Companhia, se o curso deveria durar cinco anos? A consequência é que, com o passar dos anos, temos cada vez menos Comandantes de Companhia “cursados” e o Batalhão está vendo o seu Capital Intelectual se perder.

A difusão do capital intelectual

Diante da limitação de efetivo e da restrição de recursos com que convivem as Forças Armadas, é preciso encontrar formas para preencher as lacunas deixadas. O Capital Intelectual não será perdido se o seu registro padronizado permitir sua correta difusão através dos anos, mesmo com a completa renovação da Unidade.

A prática de exercícios do tipo “QUADREX”, em posições pré-estabelecidas para cada estudo a partir de Fichas de “PO”, representa uma alternativa para suprir as necessidades que as mudanças na Oficialidade causam nos Batalhões. Os exercícios não necessitam de mais de um dia e não devem interferir na rotina da Subunidade com a ausência prolongada de todos os oficiais da Companhia.

Dessa forma, seria possível um Capitão-Tenente recém cursado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais (CAOCFN), ou até mesmo, um

Primeiro-Tenente com certa experiência, conduzir um estudo do terreno com seus Comandantes de Pelotão.

Outra forma de ajudar a solucionar a lacuna existente e proporcionar conhecimento teórico e prático aos Comandantes de Subunidades é a preservação e a valorização do Oficial de Operações (S-3). O S-3 deve ser um Oficial experiente, que tenha vivenciado e consolidado os conhecimentos teóricos no exercício e no planejamento de operações; e que sirva há, pelo menos, três anos na Unidade.

Infantaria, o principio da massa

Comandar uma Companhia de Fuzileiros vai muito além do domínio dos conceitos doutrinários. A liderança necessária para motivar e manobrar a “massa” na rotina dos Batalhões exige certa experiência conseguida somente no exercício diário das funções de Comandante de Subunidade ou Pelotões. A integração das qualidades necessárias para comandar militares no terreno não é conseguida somente com estudos ou por simples vocação. Coragem, iniciativa, humildade, senso de humor, integração com militares de outros círculos, tato, senso de justiça e autoconhecimento são preceitos que devem ser desenvolvidos e exercitados diariamente na rotina de um militar que tem sob sua responsabilidade o preparo, a prontidão e a vida de dezenas de militares.

Diferentemente do Capital Intelectual, que pode ser preservado a partir de registros padronizados e de exercícios tipo “QUADREX”, manobrar uma Companhia no terreno e no dia-a-dia do Batalhão exige a experiência adquirida somente na grande escola do Comandante de Companhia e, para tanto, é indispensável a permanência do Oficial Subalterno exercendo funções correspondentes a sua antiguidade por um período maior do que a média atual.

CC (FN) Vannei de Almeida Silva Junior

Operações Distribuídas parte II – Treinando o homem e transformando a Força

“Posições são raramente perdidas por terem sido destruídas, mas quase sempre pela falta de convicção dos Comandantes de que pudessem mantê-las”

A. A. Vandergrift

Vimos no último exemplar de *Âncoras e Fuzis* o conceito de Operações Distribuídas (OpDstr). Em síntese, este conceito prega “Equipar o Homem, ao invés de ‘humanizar’ o Equipamento”. Como pontos-chaves devemos lembrar que:

- É uma “forma” de Guerra de Manobra, todavia, não é uma “novidade”;
- Descentraliza o processo decisório, na contramão da tecnologia atual;
- Será dependente das Pequenas frações – e de seus Comandantes – não da tecnologia;
- Execução baseada no *Recon-pull* e na Intenção do Comandante;
- Requer adestramento mais enérgico e realista, focado na ação e no oponente; e